

APRENDER LÍNGUA ESTRANGEIRA POR IMITAÇÃO OU POR ESTÍMULO?
ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A QUALIDADE DO ENSINO DE LÍNGUA
ESTRANGEIRA NA ESCOLA FUNDAMENTAL.

Elisabeth Trauer*

Críticas como: "Os alunos saem do colégio sem aprender Inglês", recentemente publicado na Folha de São Paulo¹, denunciam a fragilidade do ensino de língua estrangeira na escola fundamental. Se por um lado sabemos ser isto uma face da verdade, por outro lado devemos questionar os fatores que levam a tais fracassos, verificados não só no ensino de Inglês mas também no ensino das demais línguas estrangeiras modernas. Além da falta de motivação, a heterogeneidade das turmas, a ênfase dada à gramática em detrimento da expressão oral, entre outros, o artigo aponta para a formação precária do professor. Este, muitas vezes, por falta de conhecimento e preparo, procura no livro didático um "salvo-conduto", orientando-se pelo "manual do professor", geralmente disponível para essas obras. Ora, os livros didáticos usuais são, em sua grande maioria, escritos para um universo indefinido de alunos, abordando temas característicos da cultura envolvida, a partir da perspectiva da cultura estrangeira, visando a aprendizagem das estruturas básicas para a comunicação. Metodologias específicas sugeridas pelo(s) autor(es) complementam o quadro. Assim, por exemplo, a obra DEUTSCH KONKRET", amplamente difundida em escolas particulares alemãs de São Paulo, apresenta em seu segundo volume - DEUTSCH KONKRET 2 - LEHRBUCH, temas como "Jugendzentrum oder Parkhaus", abordando a problemática de jovens alemães com relação à luta por um espaço físico para reuniões em grandes centros urbanos, ou "Geschichte aktiv forschen", usando como exemplo de pesquisa uma enquete realizada por alunos, junto à população, com pessoas que viveram a juventude na Alemanha

Professora de Prática de Ensino de Alemão do Departamento de Metodologia de Ensino do Centro de Ciências da Educação - UFSC.

entre 1933 e 1945. Sabe-se que o espaço físico é um problema vital para um jovem na Alemanha, consequência de fatores sócio-culturais. É no "Jugendzentrum" que ele encontra ambiente para sociabilizar-se e expressar a sua liberdade de pensamento e ação: um conceito muito diferenciado da necessidade de liberdade e lazer do nosso adolescente no interior de Santa Catarina. Da mesma forma, a época do nazismo deixou marcas profundas no povo alemão, que contudo não pode ser tratado apenas como exemplo de pesquisa de história, e sim temário para uma discussão mais ampla. A "Gastarbeiterproblematik", os preconceitos existentes com relação aos trabalhadores estrangeiros e suas famílias na República Federal Alemã, perpassa alguns capítulos. Poderíamos aqui, talvez, traçar cautelosamente um paralelo com a problemática indígena ou a migração nordestina para o sul? Eis a questão.

O diálogo entre as culturas, seus estereótipos, semelhanças e diferenças, tem sido o preâmbulo para oportunizar o diálogo em situação comunicativa em sala de aula, motivando o aluno a expressar o seu ponto de vista e aprender de forma ativa a língua. Para tal, no entanto, o professor precisa ter não somente o conhecimento sobre a língua, mas também vivência nas duas realidades, caso contrário levará o aluno apenas a "ler a palavra", sem ajudá-lo a "ler o mundo" (Freire). O que parece ser, assim, muitas vezes "inadequado" à primeira vista com relação ao livro didático, não é tanto a sua concepção didático-metodológica e o seu temário, mas sobretudo o seu uso.

Livros didáticos são importantes como auxiliares do professor, e como Walsh (1958, 59) comenta de forma lapidar: "The textbook should be the servant, not the master of the teacher"³. Cabe, portanto, ao professor de língua estrangeira selecionar o seu conteúdo, sem estar a serviço de uma ou de outra cultura em detrimento da do aluno, mas, ao contrário, estimulá-lo a desenvolver o seu espírito crítico, mostrando que "diferença não é defi-

ciência"⁴, e sim oportunidade de ter através da discussão dialógica o conhecimento ampliado de si e do mundo.

Algumas reflexões sobre a qualidade de ensino e a formação do professor de Alemão em Santa Catarina.

O ensino de língua estrangeira não é apenas oferecido em escolas particulares e em cursinhos, com professores especializados e treinados, mas a toda uma comunidade escolar com as mais variadas configurações, onde o professor de língua estrangeira procura desempenhar, dentro das suas possibilidades, o melhor possível a sua função.

Em regiões bilíngües, como no Estado de Santa Catarina, a aprendizagem da língua estrangeira, no caso o Alemão, vem enfrentando sérias dificuldades. Com a implantação do PROJETO PILOTO⁵, que tinha por objetivo primordial revitalizar o ensino de línguas estrangeiras no 1º e 2º graus na rede pública estadual catarinense, oferecendo a escolha diversificada da língua estrangeira na grade curricular à partir da 5ª série, de acordo com o interesse do alunado e as possibilidades da escola, surgiu a imperiosa necessidade de contratação de professores de Alemão, para suprir o ensino de mais de 4.000 alunos, em curto espaço de tempo. Em consequência do passado histórico e a política de ensino presente, com base na lei 5.692/71, tem-se que: "O ensino de Língua Estrangeira Moderada será obrigatório no 2º grau, recomendando-se a sua inclusão no 1º grau, onde as condições o indiquem e permitam, sobretudo a partir de quando o currículo passa a desenvolver-se por áreas de estudo" (RES. 58/CFE/76), erradicou-se praticamente não só o ensino

da língua estrangeira no 1º grau, mas também a mão-de-obra especializada, ou seja, o professor. Sendo o Alemão raramente oferecido na escola pública até então, não havia professores suficientemente treinados e qualificados para atenderem a demanda ocasionada pelo PROJETO.

Analisando-se o RELATÓRIO FINAL do PROJETO PILOTO, verifica-se que a formação do professor de Alemão⁶, em dezembro de 1988, era a seguinte:

Nº DE PROFESSORES	FORMAÇÃO	PORCENTAGEM
45 professores	2º Grau	48,8%
	Licen. não específica	26,6%
	Licen. em Alemão	13,3%
	Outra	11,1%

que, na qualificação do Goethe-Institut, possuem em nível linguístico, a seguinte formação:

Nº DE PROFESSORES	FORMAÇÃO	PORCENTAGEM
45 professores	sem conhec. básicos	11,1%
	com nível básico (ZDaF)	26,6%
	com nível médio (ZMP)	44,4%
	nível superior (KDS)	13,3%
	falantes nativos	4,4%

Com o apoio da Coordenadoria de Ensino de Alemão no Estado de Santa Catarina, em convênio temporário firmado entre a República Federal Alemã e a Secretaria de Educação, estes professores vêm recebendo regularmente cursos de aperfeiçoamento em seminários

regionais pedagógicos, com o objetivo de qualificar e preparar melhor o professor de Alemão. Este quadro, portanto, pode ter sofrido até a presente data algumas modificações. A situação, no entanto, continua precária.

Em recente visita à 10ª UCRE (Concórdia) pude constatar que, em seis escolas da região, que oferecem o ensino de Alemão, atendendo 833 alunos, havia:

Nº DE PROFESSORES	FORMAÇÃO	PORCENTAGEM
7 professores	1 1º Grau	14,3%
	4 2º Grau	57,1%
	1 licenc. especial	14,3%
	1 licenc. em alemão	14,3%

Dados fornecidos pelo Setor de Informações Educacionais(SIE)/1990

Se por um lado o PROJETO PILOTO ABRIU ESPAÇO para o ensino de língua estrangeira na escola, por outro lado desvendou a sua fragilidade na formação dos professores e na qualidade do ensino.

Na discussão que ora se realiza na Câmara dos Deputados em Brasília, a lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional prevê em seu projeto, na parte diversificada do Ensino Fundamental⁷, a obrigatoriedade a partir da 5ª série "o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar, dentro das possibilidades da instituição" e no ensino médio, "será incluída uma língua estrangeira como disciplina obrigatória(...), e oferecida uma segunda, em caráter optativo" (LDB, Cap. IX e X).

Se aprovado for o ensino de língua estrangeira no currículo escolar fundamental, cabe aqui a preocupação com a formação do professor que vai atuar junto às entidades urbanas e rurais, os materiais e os demais recursos disponíveis para atender também qualitativamente os fins da educação nacional.

É necessário, pois, resgatar-se com urgência o valor e a qualidade do professor, oportunizando-lhe a sua formação condizente e abrangente, reciclagem e aperfeiçoamento, para exercer com dignidade a sua função.

Acredito que há muito para ser feito. Um primeiro passo, tímido é verdade, realiza-se atualmente na UFSC, através do projeto: Complementação Pedagógica para Professores de Alemão portadores do Kleines Deutsches Sprachdiplom⁸, que atuam no ensino de 1º e 2º graus sem licenciatura específica. Visa o projeto oferecer a licenciatura especial em Letras para a obtenção de "Registro E" aos professores que possuem o referido diploma, conferido pela Maxilian Universitaet de Munique (RFA), legalizando e aperfeiçoando a sua função.

Assim, se por um lado a formação do professor, faz-se sentir por outro lado a necessidade de um projeto educacional coerente, atendendo aos objetivos da educação nacional, valorizando o papel da educação fundamental. Hoje, a matéria-prima, o alunado, superlota as escolas em busca de acesso às universidades e cursos profissionalizantes. Estes alunos vêm às aulas de língua estrangeira para aprender um idioma que lhes facultará acesso à ciência, tecnologia e cultura, em primeiro plano. Num segundo momento, talvez, em busca de identidade e lazer. Deverá haver, portanto, uma mudan-

ca em relação aos objetivos, conteúdos, materiais propostos e disponíveis para o ensino de língua estrangeira; numa rediscussão de valores e fins da educação.

Face a estas ponderações e preocupada com os rumos da educação brasileira proponho-me a fazer um levantamento da atual situação do ensino de Alemão no Estado, seus avanços e dificuldades e propor, a partir desta pesquisa, linhas gerais de ação para o ensino de Alemão, para torná-lo além de meio, estímulo para o saber.

Antes, porém, gostaria de ter a oportunidade de aprofundar, refletir e ponderar melhor sobre a Educação, seus princípios, meios e fins, para embasar melhor o meu trabalho e desempenho no ensino de língua estrangeira.

N O T A S

1. Folha de São Paulo. Educação D-11 23.09.1990.
2. DEUTSCH KONKRET: Ein Lehrbuch fur Jugendliche. Langenscheidt 1988.
3. ROESLER, Dietmar. Lernerbezug und Lehrmaterialien fur DaF. Heidelberg. Groos. 1984.
4. SOARES, Magda. Linguagem e Escola. Uma Perspectiva Social. SP. Ática, 1986.
5. PROJETO PILOTO - Reintrodução e diversificação de ofertas do ensino de Língua Estrangeira Moderna em escolas de 1ª e 2ª graus da rede pública estadual em Santa Catarina - Uma experiência pedagógica autorizada pelo Conselho Estadual da Educação de SC - UFSC - 1984.
6. AVALIAÇÃO FINAL DO PROJETO PILOTO. (cópia xerox),UFSC-1988.pg.77.
7. LDB. Câmara dos Deputados. Texto Aprovado pela Comissão de Educação, Cultura e Desportos. Junho, 1990.
8. Projeto em andamento, aprovado pelo CEPE/UFSC em janeiro de 1990.

RESUMO

A formação deficitária do professor de língua estrangeira reflete diretamente na qualidade do seu ensino, tornando-o objeto de críticas e insatisfações. Na análise sucinta do Relatório Final do Projeto Piloto, com relação ao nível de formação de professores de Alemão em Santa Catarina, constata-se que muitos possuem apenas o 2º Grau e nível de conhecimento de língua alemã. Com a aprovação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que prevê a obrigatoriedade do ensino de línguas estrangeiras modernas no 1º e 2º Graus, esta deficiência tenderá a permanecer e/ou agravar-se. Consciente da importância do ensino de língua estrangeira na escola fundamental proponho-me a pesquisar e aprofundar as questões relativas ao ensino de Alemão.